

SEM DIREITO A RESPOSTA: LIDANDO COM AS QUESTÕES EXEGÉTICAS REFERENTES AO LIVRO DE JÓ

*Daniel Santos Jr.**

RESUMO

O propósito deste artigo é fazer uma leitura do livro de Jó que leve em consideração tanto o seu prólogo quanto o seu epílogo. Segundo o autor, a contribuição que Jó tem trazido para a teologia e prática da igreja geralmente ignora a proposta central do livro. Seguindo a distinção sugerida por Kevin Vanhoozer entre uma leitura tênue e densa, o autor questiona a leitura seletiva e arbitrária de Jó que não consegue sincronizar o conteúdo do livro com a sua conclusão e introdução. A solução proposta neste artigo é de uma leitura que esteja atenta e respeite os níveis conclusivos da narrativa bíblica. O desafio oriundo desta proposta é ater-se àquelas perguntas que o autor do livro planejou responder, admitindo que nós, leitores, não temos o direito a todas as respostas.

PALAVRAS-CHAVE

Interpretação; Sofrimento de Jó; Leitura densa e tênue.

INTRODUÇÃO

Saber ler os grandiosos eventos da história da humanidade exige mais do que sinceridade ou sofisticação teológica. Primeiramente, faz-se necessário identificar o verdadeiro *agente* de tais atos e em seguida tentar entender o propósito deles. A receita parece simples até que o *agente* destes grandiosos atos de destruição seja identificado com o próprio Deus. A situação se agrava ainda mais quando o *agente identificado* não se vê na obrigação de explicar o

* O autor é professor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, na área de Antigo Testamento. Obteve seu mestrado (Th.M.) no Covenant Theological Seminary (2000) e seu doutorado (Ph.D.) em Antigo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School (2006).

propósito de seus atos, deixando suas vítimas sem direito a resposta. A partir daí, o que parecia apenas um exercício descritivo e analítico se transforma num grande impasse teológico e filosófico, pois pessoas diferentes assimilam aspectos diferentes daquilo que Deus faz na história. Neste processo é possível encontrar os *sinceramente* equivocados, que apostam alto na postura sincera com que abordam a questão,¹ bem como os *sofisticadamente* equivocados, que apostam na envergadura e sofisticação de suas descrições.

O propósito deste artigo é investigar esta tensão sob a perspectiva do que aconteceu na vida de Jó, na qual podemos encontrar distintamente o exemplo tanto do *sincero* como do *sofisticadamente* equivocado nos personagens dos seus amigos. Ali o autor do livro preparou cuidadosamente os parâmetros pelos quais o leitor deveria abordar aquilo que acontece na narrativa, podendo assim identificar com clareza o agente de tamanha catástrofe. O problema é aceitar ou não a proposta do livro, e a maneira como utilizamos o seu conteúdo denuncia a nossa postura em relação à proposta do autor do livro.

No conhecido “Sermão das Estátuas” (ano 387), quando o arcebispo de Constantinopla João Crisóstomo reagiu com veemência ao motim que culminou na destruição das estátuas do imperador Teodósio e sua esposa, a história de Jó é usada com frequência para encorajar paciência e tolerância.² Para Crisóstomo, a principal contribuição do livro de Jó está baseada nos dois primeiros capítulos do livro, razão porque ele não dedica maior atenção ao conteúdo dos diálogos entre Jó e seus amigos. O grande massacre causado pelas campanhas do rei assírio Senaqueribe (701 a.C.) é visto por ele como uma manifestação da “terrível glória do deus Ashur”,³ e pelo profeta Isaías como uma manifestação da ira do Deus de Israel (Is 10.5-11). A lista de exemplos é interminável e o debate com respeito ao verdadeiro *agente* destes grandiosos atos aumenta ainda mais o volume de perguntas sem respostas. A minha tese é que o livro de Jó nos ensina de maneira contundente a iden-

¹ Devo esta definição a ZUCKERMAN, Bruce. *Job the silent: a study in historical counterpoint*. New York: Oxford University Press, 1991, p. 77-84. Neste capítulo Zuckerman demonstra o perigo de achar que a sinceridade é capaz de justificar o equívoco de uma leitura falaciosa. Isto não significa que a *sinceridade* não tenha o seu lugar na interpretação. VANHOOZER, Kevin J. *Is there a meaning in this text? The Bible, the reader and the morality of literary knowledge* (Grand Rapids: Zondervan, 1998), por exemplo, propõe uma importante aplicação de certas virtudes como a honestidade na interpretação: “Uma virtude interpretativa é uma disposição da mente e do coração que surge da motivação de querer entender e estabelecer contato cognitivo com o sentido do texto” (p. 376).

² Esta série de sermões foi proferida entre 387 e 388, sendo que o sermão sobre as duas estátuas foi proferido na igreja da Antioquia. CHRYSOSTOM, John. Homilies on the statues. Em: *A select library of the Nicene and post-Nicene fathers*. Grand Rapids: Eerdmans, 1980, vol. IX, p. 336.

³ COGAN, Mordechai. *Sennacherib's siege of Jerusalem*. Em: HALLO, William W. e YOUNGER, JR., K. Lawson (eds.). *The context of Scripture*. Vol. II: *Monumental inscriptions from the Biblical world*. Leiden, Holanda: Brill, 2000, p. 303.

tificar o verdadeiro agente de uma ação e também a aprender a ler os atos grandiosos deste agente, *se* atentarmos para aquilo que defino como “níveis conclusivos” da narrativa.

1. A CONTRIBUIÇÃO DE JÓ

A dificuldade inicial em definir a contribuição do livro de Jó tanto para a teologia como para a prática cristã é o reconhecimento e aceitação daquilo que o autor está propondo. A simples idéia de que Deus seja o responsável pelos sofrimentos de Jó, como 2.3 parece indicar, é recebida de maneira evasiva por alguns teólogos, que negam com veemência qualquer envolvimento direto de Deus nas aflições do patriarca. Nesta linha de argumentação, como veremos, a contribuição que Jó tem trazido para a teologia e prática cristã não tem sido propriamente uma contribuição do livro como um todo. É muito comum ver palavras isoladas tanto de Jó como de seus amigos serem usadas em apoio de doutrinas e definições teológicas. Todavia, será que podemos dizer que a *mensagem* do livro tem trazido alguma contribuição quando teólogos e pastores insistem em driblar o argumento teológico desta obra? Ao que me parece, a maneira que eles acharam para se beneficiar do conteúdo do livro de Jó foi fazer um uso seletivo de expressões e conceitos encontrados em diversas partes do texto.

Observe, inicialmente, a maneira como Elifaz entende o que está acontecendo. Ele aborda a situação partindo do pressuposto de que Jó está sendo punido por causa de alguma coisa que fez: “Lembra-te agora: qual é o inocente que jamais pereceu? E onde foram os sinceros destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade, e semeiam mal, segam o mesmo” (Jó 4.7-8). O ponto central da argumentação de Elifaz é que, no final das contas, todos os homens são pecadores diante de Deus e, portanto, “bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-Poderoso” (Jó 5:17). O raciocínio adotado por Elifaz é que as pessoas inocentes nunca perecem ou são destruídas; já os que semeiam o mal com certeza o ceifarão. Se o argumento de Elifaz estiver correto, então a passagem de fato apóia o que muitas vezes é definido como penalidades naturais do pecado.⁴

Mas este é precisamente o problema que precisa ser resolvido antes de acessarmos a mensagem do livro, a saber, por que Jó está sofrendo? Esta é a pergunta que todos os seus três amigos tentam responder no decorrer do livro.

⁴ Louis Berkhof é um dentre os que citam as palavras de Elifaz (juntamente com outros textos) para formular o conceito de penalidades naturais: “Há punições que são resultado natural do pecado, das quais o homem não pode escapar, pois elas são conseqüências naturais e necessárias do pecado. O homem não consegue se livrar delas por meio do arrependimento e do perdão. Em alguns casos elas podem ser atenuadas ou até mesmo suspendidas por meios que o Senhor tem colocado ao nosso dispor, mas em outros casos elas permanecem e servem como um lembrete constante das nossas transgressões passadas”. *Systematic theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1972, p. 255.

A despeito de eles o acusarem de toda sorte de transgressões, o próprio Jó nunca aceitou que o seu sofrimento tivesse alguma relação com seus pecados. Mesmo assim, para Elifaz, Jó estava sendo punido por algo que teria feito e tal punição somente resultaria em benefícios para sua vida – serviria de “correção e disciplina” (5.17).

Contudo, esta linha de raciocínio entra em conflito com a premissa fundamental do livro como um todo, premissa esta que parece sugerir haver circunstâncias quando o inocente perece e/ou é destruído por razões que não estão relacionadas com seus próprios pecados. A questão é de coerência metodológica: a maneira como o autor do livro apresentou o caso de Jó para o leitor cria sérios desafios para o que Elifaz está tentando defender, pois tanto o prólogo quanto o epílogo deixam claro que o que aconteceu com Jó não tinha nenhuma relação com seus pecados, fossem eles passados, presentes ou futuros. Jó é descrito no prólogo como um homem justo, nenhum de seus amigos é capaz de convencê-lo do contrário posteriormente e, no final do livro, ele é pronunciado inocente mais uma vez pelo próprio Deus! Obviamente, isto não quer dizer que Jó não tinha pecado, e sim que, no caso específico de Jó, tanto a introdução como a conclusão do livro não permitem ao leitor adotar esta solução para o seu sofrimento. O leitor pode até discordar da perspectiva adotada pelo autor do livro, o que seria uma alternativa metodologicamente coerente, mas tentar isolar pedaços do livro de sua estrutura original e usar tais pedaços para montar nossas próprias conclusões é sem dúvida uma incoerência exegética. Como disse no início, esta incoerência pode ser acobertada tanto pela *sofisticação* quanto pela *sinceridade*. O acobertamento pela sofisticação geralmente se ocupa em análises intermináveis sobre aspectos literários, culturais, existenciais, retóricos e outros, enquanto que a mensagem do texto permanece sendo ignorada. O acobertamento pela sinceridade se utiliza de uma leitura literal do texto que se torna igualmente culpada de não incluir uma abordagem integral do livro, como foi o caso de Tomás de Aquino. Acho oportuno lembrar a distinção proposta pelo meu professor Vanhoozer entre uma leitura *tênue* e uma leitura *densa*. Segundo essa distinção, uma leitura *tênue* consegue descrever em detalhes um determinado evento sem contudo saber o que está acontecendo.⁵ Como exemplo, ele discute a descrição do ato de “pisar os olhos”. Numa descrição *tênue* o “pisar de olhos” significa a contração dos músculos das pálpebras numa velocidade de 0.4 segundos. Numa descrição *densa*, que procura analisar um evento dentro do seu ato comunicativo, o ato de “pisar os olhos” pode ser entendido como um jogo de comunicação em que uma pessoa, a título de diversão, sinaliza para um dos ouvintes que as suas palavras não são verdadeiras. Ambos os tipos de leituras analisam o mesmo

⁵ VANHOOZER, *Is there a meaning in this text?*, p. 284.

evento, mas a última é capaz de abranger elementos comunicativos que vão além das palavras e compõem o ato comunicativo completo. Parece-me que o livro de Jó tem sido vítima de uma leitura tênue que se arrasta por décadas.

Qual seria, então, a contribuição que o livro de Jó como um todo traz tanto para a teologia como para a prática cristã? Este é o propósito deste artigo: formular uma leitura densa do livro que seja exegeticamente coerente com sua estrutura original. E já que o livro contribui para inúmeras áreas da teologia, limitarei minha investigação ao problema do sofrimento de Jó. Walter Kauffmann aborda este problema de uma maneira que nos ajuda a identificar o nosso tópico:

Em todo o tempo, nenhum dos amigos de Jó tenta explicar o problema do sofrimento de Jó apontando para Satanás. A onipotência de Deus nunca é questionada e todos os interessados em ajudá-lo parecem entender que não tem como apelar para Satanás sem negar ou a justiça de Deus ou sua onipotência. Os amigos de Jó se recusam a questionar qualquer uma destas áreas. Todos os quatro se posicionam de maneira semelhante: já que Deus é soberano e justo, a única conclusão possível é que Jó merece seu sofrimento. Logo, se ele está sofrendo, deve ter pecado.⁶

É exatamente esta conclusão aparentemente inevitável, de que Jó deve ter pecado, que me motiva a redescobrir a estrutura original preparada pelo autor do livro. O sofrimento de Jó precisa primeiro ser entendido dentro do arcabouço do livro para que depois possamos entender a mensagem do livro. Aos interessados cabe então perguntar: quais são as restrições estabelecidas pelo narrador que nos forçariam a explicar o sofrimento de Jó de modo diferente daquele adotado por Elifaz?

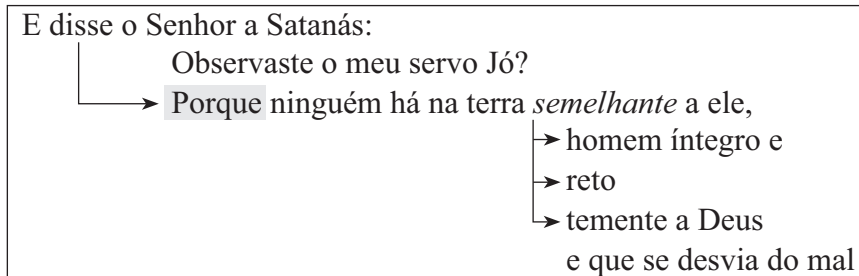
2. RESTRIÇÕES IMPOSTAS PELO NARRADOR

O livro de Jó foi artística e intencionalmente preparado para fazer um pronunciamento a respeito de nada menos que a “religiosidade humana” – por que nós adoramos a Deus? Por que indivíduos como Jó temem a Deus e se desviam do mal (1:1)? Foi o próprio Deus quem primeiro levantou a questão quando conversava com Satanás, tendo em mente a pessoa de Jó. Sabendo que os diálogos irão tratar desta questão fundamental, o livro já começa com uma afirmação axiomática: Jó era um homem justo e reto (1:1). Seria bom entendermos desde já que, embora o livro fale muito sobre sofrimento, o seu tema principal não é sofrimento, mas esta questão da motivação para a genuína religiosidade humana – o que motiva uma pessoa a temer a Deus e desviar-se do mal? Esta é sem dúvida uma pergunta muito interessante, especialmente considerando que ela é levantada pelo próprio Deus quando ele inicia o diálogo

⁶ KAUFFMANN, Walter. Uncanny world. Em: GLATZER, Nahum N. (ed.). *The dimensions of Job: a study and select readings*. New York: Schocken Books, 1969, p. 239.

com Satanás. Não apenas isto, ele inicia o diálogo enfatizando o caráter singular daquele homem: *porque* ninguém há na terra... (ver Figura 1). Em fazendo isto, Deus está enfaticamente afirmando a maneira como Jó conduz a sua vida. Tal integridade é afirmada no prólogo (1:1), é enfatizada duas vezes por Deus (1.8; 2.3), é fortemente questionada pelos amigos de Jó no restante do livro, é defendida pelo próprio Jó nos diálogos com seus amigos e é finalmente reafirmada por Deus no epílogo (42.7). Portanto, a primeira restrição imposta pelo autor do livro é que *a integridade de Jó diante de Deus é inquestionável*.

Figura 1 – Jó 1.8



A segunda restrição tem a ver com a *origem* das calamidades que Jó enfrentou. Quem é o responsável por estas calamidades? Sobre quem deveria recair a responsabilidade por tudo o que Jó sofreu? Estas perguntas se tornam cruciais devido ao curso que o diálogo entre Deus e Satanás tomou. Se Deus tivesse desconsiderado o comentário pejorativo de Satanás – “porventura, Jó de balde teme a Deus?” (1.9) – nenhuma destas calamidades teria sobrevindo na vida daquele homem. Mas no momento em que Deus decidiu responder ao comentário de Satanás, o problema do sofrimento de Jó se torna o centro das atenções na narrativa. É importante observarmos neste contexto que o acusador não questiona a integridade de Jó *per se*, mas sim a *motivação* dele em permanecer íntegro e reto: “E você acha que Jó teme a Deus a troco de nada?” (1.9, minha tradução). Em outras palavras, o que o acusador está querendo argumentar aqui é a verdadeira motivação daquela religiosidade – ele teme a Deus como uma maneira de proteger e aumentar suas riquezas (ver Figura 2). Neste primeiro diálogo entre Deus e Satanás, a expressão “tudo o que ele tem” aparece três vezes (1.10,11,12) nas palavras do acusador, dando a entender que a principal razão por trás daquela integridade e retidão era o interesse próprio de proteger e perpetuar a sua riqueza. É lógico que esta acusação não é dirigida primariamente a Jó, mas a Deus. O que Satanás quer mostrar é que ninguém na verdade teme a Deus e se desvia do mal pelo genuíno desejo de estar em comunhão com o seu Deus. Toda esta integridade que Deus convidava Satanás a considerar era vista pelo acusador como uma postura bastante conveniente para alguém com Jó. Daí o desafio proposto pelo acusador: “estende, porém, a mão, e toca-lhe em *tudo quanto ele tem*, e verás se não blasfema contra ti

na tua face” (1.11). Observe que o acusador está apontando “tudo o que ele tem” como a possível motivação para a sua integridade e é exatamente como resposta a esta proposta de Satanás que os acontecimentos do livro ocorrem. O Senhor aceita o desafio proposto pelo acusador de estender a mão sobre *tudo o que ele tem*. Portanto, a segunda restrição imposta pelo autor proíbe-nos de atribuir qualquer outra razão ao sofrimento de Jó senão aquele proposto no prólogo – Deus estará testando a integridade de Jó.

Figura 2 – Jó 1.9-12

Pergunta	9	Então, respondeu Satanás ao Senhor: Porventura Jó teme ao Senhor a troco de nada?
Acusação	10	Acaso, não cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a <i>tudo o que ele tem</i> ? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra.
Desafio	11	Estende, porém, a mão, e toca-lhe em <i>tudo quanto tem</i> , E verás se não blasfema contra ti na tua face.
Permissão	12	Disse o Senhor a Satanás: Eis que <i>tudo quanto ele tem</i> está em teu poder; Somente contra ele não estendas a mão. E Satanás saiu da presença do Senhor.

A terceira restrição imposta pelo autor trata da relação existente entre Satanás e as calamidades que sobrevieram a Jó. É de fato surpreendente, como já mencionamos antes, que nenhum dos amigos de Jó em nenhum momento no livro inteiro tenha sequer ventilado a possibilidade de explicar o sofrimento de Jó em relação a alguma interferência satânica.⁷ Não obstante este fato, Deus acaba sendo o único que se responsabiliza pelas aflições de Jó (2.3). O próprio Jó não encontrou nenhuma outra explicação para sua situação senão a ação direta de Deus causando aquilo em sua vida. Observe a maneira consistente em que esta compreensão de Jó se desenvolve no livro:

(2:10) “Temos recebido o bem *de Deus* e não receberíamos também o mal?”

(3:23) “Por que se concede luz ao homem cujo caminho é oculto, e a quem *Deus* cercou de todos os lados?”

(6:4) “Porque as flechas do *Todo Poderoso* estão em mim cravadas, e o meu espírito sorve o veneno delas; os *terrores de Deus* se arregimentam contra mim”.

(9:23) “A terra está entregue nas mãos dos perversos; e *Deus* ainda cobre o rosto dos juízes dela; *se não é ele o causador disto, então quem é?*”

⁷ KAUFMANN, Uncanny world, p. 239.

(9:34) “Tire ele [Deus] a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror”.

(10:13) “Estas coisas, as ocultaste *no teu coração*; mas bem sei o que resolveste *contigo mesmo*”.

(12:9) “Qual dentre todos estes não sabe que *a mão do Senhor fez isto?*”

(13:21) “Alivia a tua mão de sobre mim, e não me espante *o teu terror*”.

(16:7) “Na verdade, as minhas forças estão exaustas; *tu ó Deus*, destruíste a minha família toda”.

(19:21) “Compedeei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a *mão de Deus* me atingiu”.

E, como se tudo isto não bastasse, o autor ainda conclui o livro afirmando que Deus estava diretamente envolvido no sofrimento de Jó:

(42:11) “... e lhe consolaram de todo *o mal que o Senhor lhe havia enviado*”.

É verdade que Jó diz ter se arrependido em 42.6, e também que falou daquilo que não entendia (42.3). Mesmo assim, por causa do contexto criado pelo prólogo e pelo epílogo, e por causa daquilo que o leitor sabe a respeito da conversa entre Deus e Satanás, as palavras de Jó proferidas no decorrer do livro continuam valendo e representando o que de fato aconteceu. Como dissemos antes, poderíamos até discordar da maneira como o autor orquestrou as palavras de Jó no contexto geral do livro, mas não poderíamos nunca adulterar a intenção original do livro para evitar a conclusão de que Deus foi o responsável direto.⁸ Considerando, então, todas estas evidências, como podemos definir o lugar e a função que Satanás ocupa nos sofrimentos de Jó? De acordo com a estrutura do livro, o papel de Satanás foi acusar a integridade de Jó e como resultado questionar a legitimidade do seu temor a Deus. Satanás não deve, portanto, ser visto como a origem do sofrimento, de acordo com a proposta do livro. Na figura 4 eu tento demonstrar como o narrador segue consistentemente um paradigma que nos ajuda a perceber sua ênfase. No primeiro e segundo testes (ver Figura 3, setas 1 e 3), Satanás *não está pedindo permissão* para afligir a vida de Jó; antes, ele pede para que Deus o faça!⁹ Por conseguinte, nós deveríamos ler a sentença “Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder” (1.12)

⁸ Esta tensão entre a atitude passiva ou ativa do leitor deve ser entendida em relação à distinção entre entender e “sobre-entender” feita por VANHOOZER em *Is there a meaning in this text?*, p. 401-407.

⁹ Esta, na verdade, é uma leitura que leva um número considerável de comentaristas e teólogos a usar os dois primeiros capítulos de Jó para ilustrar o controle que Deus tem sobre tudo o que Satanás pode fazer conosco. Ver, por exemplo, FEINBERG, John S. *No One like him: The doctrine of God*. Wheaton: Crossway Books, 2001, p. 298; GRUDEM, Wayne. *Systematic theology: an introduction to Biblical doctrine*. Grand Rapids: Baker Books, 1998, p. 426; BERKHOF, Louis. *Systematic theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 174.

Figura 3 – O Paradigma Criado nos Testes de Jó

Primeiro Teste (Jó 1.6-13, 21-22)		Segundo Teste (Jó 2.1-7, 10)		Paradigma
6	Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se diante do Senhor, veio também Satanás entre eles.	1	Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se diante do Senhor, veio também Satanás entre eles, apresentar-se perante o Senhor.	[introdução]
7	Então, perguntou o Senhor a Satanás: Onde vens? Satanás respondeu ao Senhor e disse: De rodear a terra e passear por ela.	2	Então, perguntou o Senhor a Satanás: Onde vens? Satanás respondeu ao Senhor e disse: De rodear a terra e passear por ela.	[parte 1] Deus inicia o diálogo com Satanás
8	Perguntou ainda o Senhor a Satanás: Observastes o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal.	3	Perguntou ainda o Senhor a Satanás: Observastes o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal. Ele conserva a sua integridade, embora me incitasses contra ele, para o consumir sem causa.	[parte 2] Deus ressalta a integridade de Jó
9	Então, respondeu Satanás ao Senhor: Porventura, Jó debalde teme a Deus? Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra.	4	Então, respondeu Satanás ao Senhor: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dera pela sua vida.	[parte 3] > Satanás questiona a motivação de Jó
11	Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tido quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.	5	Estende, porém, a tua mão, toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face.	> Satanás lança o desafio
12	Disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto tens está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão.	6	Disse o Senhor a Satanás: Eis que ele está em teu poder; mas popa-lhe a vida.	[parte 4] Deus aceita o desafio e define as condições
13	E Satanás saiu da presença do Senhor.	7	Então saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até a cabeça.	
21	E disse [Jó]: Nu sai do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!	10	Mas ele [Jó] respondeu: Falas como qualquer doída; temos recebido o bem do Senhor e não receberíamos também o mal?	[parte 5] A resposta dos lábios de Jó
22	Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma.		Em tudo isto não pecou Jó com seus lábios.	[conclusão]

como uma resposta ao pedido feito por Satanás, uma resposta que descreve o ato de entregar a vida de Jó nas mãos do acusador. Esta interpretação pode parecer artificial quando se discute os dois primeiros capítulos, mas quando adentramos no conteúdo dos diálogos entre Jó e seus amigos, esta convicção se torna cada vez mais nítida.

Seria também importante indagarmos: de que maneira esta frase (“Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder”) representa uma resposta ao pedido de Satanás (“... estende, porém, a mão, e toca-lhe em *tudo quanto ele tem*”)? Por que Deus entregaria a vida de Jó nas mãos de Satanás se o pedido foi para que o próprio Deus o afligisse? Se o que Deus quer provar para Satanás é que a retidão de Jó não é interesseira, então o teste tem que ser mesmo da parte de Deus. Jó precisa experimentar receber perseguição, destruição e morte das mãos que sempre lhe concederam fartura e prosperidade, e aí sim poderemos saber se ele teme a Deus independente da sua sorte. É isto que Deus deseja mostrar a Satanás com o teste; é isto que Satanás está pagando para ver. Até onde podemos ler na narrativa, é nesta direção que a trama vai e deve se desenrolar. Portanto, a resposta para esta pergunta (por que Deus entregaria Jó nas mãos de Satanás) está diretamente relacionada ao *papel* que Satanás tem na trama da narrativa.

A grande maioria dos estudiosos prefere pressupor que Deus tenha dado permissão para Satanás destruir “tudo o que Jó tinha” (no caso do primeiro teste) e afligir “sua carne e seus ossos” (no caso do segundo teste), com a restrição de não atingir o *próprio Jó* no primeiro teste e a *sua alma* no segundo teste. Há vários problemas com esta afirmação. Primeiro, o papel deste personagem parece ter sido o de “considerar a vida das pessoas”, ou seja, andar em busca de *desvios morais e iniquidades* que pudessem estar associados com aqueles que se apresentam diante de Deus como seus filhos. Em outras palavras, este personagem faz o papel de um *auditor moral* contratado por Deus para agir no meio dos seus filhos. Não foi esta a pergunta inicial de Deus? “Observaste a vida do meu servo Jó?” Assim sendo, não cabe ao leitor mudar ou designar um novo papel para os personagens da narrativa. Segundo, a idéia de *considerar* a vida de Jó partiu do próprio Deus e não de Satanás.

Como, então, devemos entender a resposta de Deus ao pedido de Satanás? Eu sugiro que a resposta de Deus deve ser lida à luz do propósito do teste, que, em ambos os casos, permanece o mesmo: observar se Jó blasfemaria contra a face de Deus (1.11; 2.5). De um lado encontramos Satanás apostando na falsidade por trás da integridade de Jó; de outro vemos Deus seguro da integridade e genuinidade de seu servo. Sem dúvida, este é o *principal propósito* da história e, por esta razão, deve ser o princípio exegético que define o foco de interesse de nossa exegese. Visto desta ótica, Deus é aquele que muda consideravelmente a sua atitude em relação a “tudo o que Jó tem”. Ele pára de *cercar com sebe* “tudo o que ele tem” (1:10), abençoar as obras de sua mão e multiplicar seus bens, e começa a entregar “tudo o que Jó tem” nas mãos de

Satanás. Com isto o teste começa. Agora a *motivação* que atua por detrás da integridade de Jó está sendo testada.

Daqui para a frente, cabe-nos definir o ângulo pelo qual devemos observar o que transcorrerá. O trabalho de aconselhamento múltiplo feito pelos amigos de Jó parece ter se constituído numa terceira e mais severa aflição. Olhando da perspectiva de Jó, o problema não é nem *quem destruiu* (se Satanás, os sabeus ou o vento de Deus) nem *o que foi destruído*, mas sim o motivo que levou Deus a mudar de repente. Como demonstramos anteriormente, Jó parece estar mais perturbado com o terror de Deus que não se afasta dele dia e noite (6:4) do que propriamente com a perda de sua família e de seus bens.

3. PRIMEIRO ÂNGULO: O PERIGO DAS SEMELHANÇAS

O diálogo travado entre Jó e seus amigos ilustra bem o dilema de uma geração de pastores e líderes que não mais conseguem responder aos desafios de um novo tempo com as ferramentas que sabem manusear. Os amigos de Jó aprenderam a abordar a aflição humana apenas de uma única ótica – o castigo de Deus sobre o pecado humano. Se a situação com a qual eles estão lidando sai fora desse perfil ou se torna mais elaborada do que o paradigma com o qual aprenderam a trabalhar, a reação é sempre a mesma – eles recorrem à *autoridade* de suas respostas a despeito de serem ou não aplicáveis à situação em questão.

De acordo com o paradigma dos amigos de Jó, o justo nunca perece nem um inocente é destruído.¹⁰ Logo, se existe destruição deve haver culpa. E, em havendo culpa, o sofrimento resultante da destruição serve como a “disciplina do Todo-poderoso”.¹¹ Teólogos e líderes do calibre de Elifaz estão convencidos de que suas respostas são *corretas*, pois eles já responderam muitas vezes a situações *semelhantes* em que estas mesmas palavras se mostraram verdadeiras e aplicáveis. Assim sendo, a solução que eles têm a oferecer a Jó é simples e objetiva: “Eis que isto já o havemos inquirido, *e assim é*; ouve-o e medita nisto para o teu bem” (5.27). Observe que a posição de Elifaz é de fato interessante, pois ele pode evocar como sustentação as situações em que sua abordagem verdadeiramente respondeu a uma situação semelhante à de Jó. Mas é precisamente neste ponto que Jó é tolhido do seu direito de resposta. Qualquer tentativa de sua parte em querer sequer cogitar que seu caso é diferente seria interpretado por Elifaz como uma indisposição e resistência à disciplina do Senhor. De fato, bem-aventurados são todos os que são disciplinados pelo Senhor, e Jó não tem dúvida quanto a isto. Todavia, a sua resposta à solução oferecida por Elifaz é exatamente saber o que ele fez para suscitar a disciplina do Senhor? A proposta de Elifaz ilustra bem a tentação de teólogos e líderes em apresentar

¹⁰ Ver Jó 4:7: “Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente? E onde foram os retos destruídos?”

¹¹ Ver Jó 5:17: “Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-poderoso”.

“respostas requentadas” para problemas “semelhantes”. No caso de Jó, pelo menos, esta aparente semelhança se tornou uma grande armadilha para seus amigos. Toda a cosmovisão que estrutura a solução de Elifaz entra em colapso se eles aceitarem que Jó pode estar certo; o conforto que Elifaz tem a oferecer depende da confissão de culpa da parte de Jó. Assim, a armadilha está montada e Jó se encontra encurralado diante de uma única alternativa.

Para o leitor, esta armadilha pode ser facilmente desarmada se a proposta original do autor do livro for levada em consideração. Como vimos anteriormente, o sofrimento de Jó se deve exclusivamente ao teste proposto por Satanás e aceito pelo Senhor. Ainda que Jó seja um pecador e tenha cometido erros em sua vida, a razão por detrás do sofrimento que o livro descreve tem que ser entendida com oriunda do teste proposto no início da narrativa. O leitor não tem o direito de alterar ou propor um desfecho alternativo para o livro. É uma questão metodológica e moral de aceitar ou não aquilo que o narrador bíblico está comunicando!

John Goldingay visualiza este cenário criado pelos amigos de Jó e alerta teólogos e líderes para a velha dificuldade de processar afirmações distintas procedentes das Escrituras.¹² À medida que esta dificuldade permanece sem uma solução satisfatória, os leitores do livro de Jó vão se vendo no direito de legislar em causa própria, decidindo abandonar esta preocupação com uma leitura integral do livro, uma leitura que consiga processar tanto as informações contidas no prólogo e epílogo como as informações contidas nos diálogos.¹³

Em suma, a pergunta principal neste assunto é a seguinte: a coerência mencionada por Goldingay é *necessária* ou *opcional*? Se for opcional, o dilema criado por Elifaz não existe, e Jó provavelmente estaria errado em recusar a disciplina do Senhor. Se a coerência for necessária, então o leitor tem a obrigação moral de respeitar a intenção autoral do livro. A situação de Jó era *semelhante* aos casos que Elifaz possivelmente tinha tratado anteriormente, mas não era idêntica. Havia novas variáveis, novos elementos compondo o quadro do sofrimento de Jó. Mais importante do que aceitar ou não a proposta do autor do livro é concordar em “aprender com ele” a respeito de uma situação que o leitor não compreende nem aceita por completo. Quem sabe no final do livro chegaremos à mesma conclusão do próprio Jó, que disse ter falado de coisas que não conhecia por completo.

¹² GOLDINGAY, John. *Theological diversity and the authority of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p. 1.

¹³ Ver, por exemplo, a proposta de uma leitura “literal” por AQUINAS, Thomas. *The literal exposition on Job: A Scriptural commentary concerning providence*. Trad. Anthony Damico. Atlanta: Scholars Press, 1989. Mesmo a literalidade proposta por Tomás de Aquino não escapa da necessidade de decidir a respeito da abordagem do livro como um todo. Segundo ele, “embora Jó não se considerasse um pecador, precisamos crer que tanto ele como seus filhos pereceram por causa de alguns pecados”, p. 125.

4. SEGUNDO ÂNGULO: O PERIGO DAS DIFERENÇAS

O livro de Jó não oferece outra alternativa senão aceitar a maneira como o autor montou o argumento do livro. Por mais estranho que possa parecer, Jó está sofrendo exatamente por ser um homem justo, que teme a Deus e se desvia do mal. Quer seja fácil ou difícil de entender ou aceitar, esta é a verdade literária apresentada para o leitor no início do livro. É lógico que esta não é a maneira pela qual Deus lida com seus filhos constantemente, e nem a proposta do livro é estabelecer o caso de Jó como um paradigma. Como disse acima, o sofrimento de Jó deve ser abordado apenas como a proposta oferecida no início da narrativa, a saber, testar a motivação por detrás da integridade de Jó. Nada mais, nada menos. Reconheço que o entendimento que o autor tem de Deus está, até certo ponto, em dissonância com o perfil que muitos teólogos e líderes atribuem a Deus. Todavia, esta aparente dissonância deve ser entendida como algo que faz parte da estratégia retórica original do livro. Como Polzin afirma,

A confrontação destas inconsistências é parte da estrutura e mensagem do livro. As tentativas de removê-las podem ser caracterizadas como um “ataque de nervos” acadêmico da mesma maneira que a abordagem unilateral dos amigos de Jó em face ao seu sofrimento também é um “ataque de nervos”. No intuito de remover estas inconsistências, alguns teólogos acabaram removendo a própria mensagem do livro.¹⁴

Comentando a afirmação de Polzin, Bartholomew acrescenta ainda que o grande fascínio desta proposta colocada pelo autor do livro de Jó é que a “moral da história” vai ser assimilada não por aqueles que evitam contradições e inconsistências, mas sim por aqueles que aceitam o desafio de integrar *contradição* com *resolução*.¹⁵ Se de um lado as “semelhanças” se tornaram uma grande armadilha para os amigos de Jó, por outro as diferenças e inconsistências se tornaram outra armadilha para a compreensão do que estava acontecendo. É bom lembrar sempre que o propósito principal de toda a história do livro não é ensinar nem a Jó nem a seus amigos a respeito do caráter de Deus. Tudo isto acaba acontecendo paralelamente. O objetivo central continua o mesmo: demonstrar que a integridade de Jó não era *interesseira* como Satanás havia sarcasticamente sugerido. Infelizmente, alguns leitores modernos, vencidos pelo desejo ardente de resolver os conflitos, parecem perder de vista o foco do livro muito cedo e nunca mais conseguem focalizar a verdadeira mensagem proposta pelo autor.

¹⁴ POLZIN, R. M. The framework of the Book of Job. *Interpretation* 28/2 (1974), p. 182.

¹⁵ BARTHOLOMEW, Graig. *Reading Ecclesiastes: Old Testament exegesis and hermeneutical theory*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1998, p. 129-30.

5. TERCEIRO ÂNGULO: EM BUSCA DE UM CULPADO

O terceiro ângulo em que o leitor do livro também pode se posicionar é procurar identificar o culpado nesta história – alguém tem que ser responsável por tudo o que está acontecendo. Neste sentido, uma das facetas difíceis de assimilar no drama de Jó é o relacionamento de Deus com tais sofrimentos. O livro lança um ataque frontal à convicção de que Deus *nunca* está diretamente envolvido com o sofrimento humano. Mais uma vez devo lembrar que o propósito principal do livro também não é explicar o relacionamento de Deus com o sofrimento humano, nem postular que o caso de Jó seja um paradigma para a vida dos demais filhos de Deus. O envolvimento de Deus no sofrimento de Jó ficou implícito no diálogo inicial em que um teste foi intencionalmente preparado por ele para investigar a motivação de Jó. Em outras palavras, Deus, tendo controle sobre todas as circunstâncias, preparou intencionalmente uma situação temporária na qual o seu servo Jó experimentaria um relacionamento incomum com o seu Deus, composto de uma hostilidade fora de proporção e injustificável aos olhos de Jó. Quando me refiro a hostilidade aqui, a referência não é apenas aos primeiros dois testes no prólogo do livro, mas especialmente ao *terror de Deus* que não se afastou de Jó por todo o livro. Já no capítulo sete do livro, Jó parece não agüentar mais a aflição espiritual provocada, não pelos impropérios de seus amigos ou pela perda de tudo o que tinha, mas pela *hostilidade* que ele cria vir do próprio Deus.

(7.13-15) “Quando eu digo: consolar-me-á o meu leito, a minha cama aliviará a minha queixa, então, me espantas com sonhos e com visões me assombra; pelo que minha alma escolheria, antes, ser estrangulada; antes a morte que esta tortura”.

Observe em seguida que o questionamento de Jó não é tanto em admitir que ele tenha pecado; isso ele faria sem qualquer problema.

(7.20, 21) “Se pequei, que mal te fiz, ó Espreitador dos homens? Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade?”

Se o motivo de toda esta hostilidade se deve a algum pecado que tenha cometido, Jó ainda não entende porque a porta que sempre esteve aberta para o perdão da parte de Deus está agora totalmente cerrada. “Por que não me perdoas?!” Neste ponto do livro Jó parece perceber que existe algo muito mais complexo acontecendo, pois ele começa a notar que o próprio Deus mudou as “regras do jogo” na maneira como seus filhos devem se relacionar com ele. Esta afirmação de Jó neste ponto confirma a minha tese de que o teste proposto por Deus só funcionaria se Jó percebesse que a mesma mão que sempre abençoou agora se transformou na principal fonte de hostilidade. Este cenário coloca

Jó à beira da tão esperada confissão por parte de Satanás: blasfemar contra a face de Deus. A *blasfêmia* que Satanás tinha em mente era uma atitude que expressasse o reverso do temor a Deus, ou seja, a acusação acompanhada de recriminação.

Portanto, a ânsia de identificar um *culpado* na narrativa se torna igualmente uma armadilha, pois ela nos tira do verdadeiro foco do livro e arremete-nos na conturbada relação entre os personagens. Identificar o culpado pelo sofrimento de Jó não é o principal propósito do livro e, por causa disto, não deve ser um tópico que tome conta da discussão. Esta foi a preocupação básica dos amigos de Jó: explicar o sofrimento pela identificação do culpado. Esta mesma preocupação possivelmente levou teólogos com Wayne Grudem a negar qualquer envolvimento direto de Deus com o sofrimento de Jó, dizendo que “responsabilizar Deus pelo mal que Ele fez recair sobre Jó via agentes secundários seria um pecado. Jó não fez isto, as Escrituras nunca fazem isto e nem nós deveríamos fazer”.¹⁶ O mesmo desvio de interesse é praticado por diversos outros comentaristas. Toda tentativa de tentar “ajudar” Deus a se defender das insinuações de Jó de que ele estava por trás de tudo se constitui numa perda de foco, pois nem Deus precisa de ajuda para defender a si mesmo nem a narrativa, deste tipo de preocupação.

O grande mistério a ser desvendado não é se Deus estava ou não envolvido naquele sofrimento, mas sim como Jó manteve sua integridade em meio a tamanha agonia. Como o “terror do Todo-poderoso” acabou produzindo nele um desejo ainda maior de se encontrar com Deus? “Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar!” (23.3-6). Como uma punição tão desproporcional acabou produzindo nele a esperança de que “seu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra” (19.25)? Como ele conseguiu acalmar a agonia da sua alma sem ter recebido qualquer explicação da parte de Deus que justificasse tudo o que ele passou (40.3-5)? O fato de Deus não ter explicado em nenhum momento a verdadeira razão por trás do sofrimento de Jó se constitui num conflito adicional gerado pela proposta do autor, mas que não prejudica em nada a mensagem que ele deseja comunicar: a verdadeira motivação de Jó.

6. QUARTO ÂNGULO: O PROPÓSITO DO SOFRIMENTO

O quarto desafio apresentado pelo autor do livro tem a ver com o propósito do sofrimento experimentado por Jó. Segundo a proposta do livro, o autor parece desafiar-nos com a idéia de que nem sempre o sofrimento tem um caráter disciplinar. Derek Kidner está correto em separar sofrimento de disciplina dentro do contexto literário do livro.

¹⁶ GRUDEM, *Systematic theology*, p. 325.

De uma vez por todas, as cenas de abertura [do livro] deixam claro que o sofrimento não implica necessariamente em qualquer culpa na vítima, falhas em suas precauções ou até mesmo em sua fé. Seja lá qualquer palavra áspera que Jó venha a dizer e posteriormente retratar, e seja lá qual pecado ele tenha cometido como o resto de nós, o prólogo deixa claro que seu sofrimento não tem nenhuma relação com qualquer uma destas coisas. Portanto, longe de ter algo a ver com culpa, foi exatamente a sua inocência que o expôs a todo este martírio, o que Deus fez questão de reiterar por duas vezes (1:8; 2:3).¹⁷

Sufrimento e disciplina não estão relacionados um com o outro neste livro. Esta é a linha divisória entre Jó e seus amigos. É verdade que esta distinção não se aplica a todos os casos de sofrimento, mas esta possibilidade deveria pelo menos fazer parte do *menu* das explicações para o sofrimento humano. Robinson aparentemente está fazendo a pergunta certa neste contexto, o que nos ajuda a formular uma contribuição genuína do livro de Jó neste assunto:

Se perguntarmos de que valeu todo o sofrimento de Jó, nós somos remetidos imediatamente para as cenas de abertura do livro, o tribunal nos céus onde Javé atribui a causa da integridade da religião de Jó à sua fidelidade. A grande lição do livro reside no mistério deste teste; o sofrimento precisa ser mantido sob a pressão deste contínuo “por quê?”, o qual por fim permanece sem resposta. Nem no começo nem no fim do livro Jó é informado deste tribunal nos céus, o que seria uma explicação suficiente para o seu sofrimento.¹⁸

A disposição do leitor em manter este grande “por quê?” em suspenso por todo o livro e depois vê-lo passar sem nenhuma resposta é realmente agonizante. O que impedia Deus de fazer o seu servo saber a razão por trás de todo o ocorrido? Que prejuízo isso traria para Deus, Jó ou quem quer fosse? Até mesmo para os leitores que mantiveram o foco correto do livro, não se deixando levar pelas pressões colocadas pelos amigos de Jó, nem caíram em nenhuma das armadilhas mencionadas anteriormente, até estes se vêem às vezes frustrados com o desfecho do livro. Por que razão o grande “por quê?” não foi respondido no epílogo? Estas perguntas atestam inconscientemente um desvio do propósito inicial do livro. O propósito do teste era revelar a Satanás a verdadeira motivação de Jó e não explicar a razão do sofrimento humano. Ainda que a história tenha culminado nesta intensa expectativa de uma resposta ao “por quê?”, uma resposta explicativa contendo as informações que engendraram todo o martírio de Jó, isso ao meu ver tiraria a ênfase final e definitiva com respeito à motivação daquele homem. Ao terminar o livro

¹⁷ KIDNER, Derek. The Book of Job: A world well managed? Em: *The wisdom of Proverbs, Job and Ecclesiastes: An introduction to wisdom literature*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1985, p. 57.

¹⁸ ROBINSON, H. Wheeler. Life – a mystery. Em: GLATZER, Nahum N. (ed.). *The dimensions of Job: A study and selected readings*. New York: Schocken Books, 1969, p. 246.

desta maneira, o autor convida-nos a conceber a idéia de um sofrimento que visa à manifestação da mais profunda piedade. Para Robinson, este tipo de piedade não pode nunca ser atestado senão pela prova, pois a questão vai muito além do horizonte da pessoa que está sendo testada.¹⁹ A *motivação* daquele que decide tê-lo tem um valor intrínseco para Deus, que considera o seu envolvimento com pessoas como Jó num nível muito mais alto do que uma simples observação de preceitos e mandamentos.

CONCLUSÃO

Como vimos, a leitura integral do livro de Jó é uma arrojada maratona exegética capaz de revelar rapidamente nosso despreparo e a necessidade de um “alongamento” mais completo. Felizmente a obra foi minuciosamente organizada (um trabalho divino!) para lidar com muitas implicações e complicações do assunto em questão. As palavras que aguçam nossa consternação num capítulo são sempre seguidas de ponderações que acabam revelando nosso desejo velado por justiça. A mensagem central do livro (a motivação da religião de Jó) poderia ser expressa de muitas outras maneiras, mas o autor resolveu abordar o tema por meio destes testes preparados por Deus. Como já discutimos antes, a introdução força o leitor numa direção específica, alertando-nos sempre do perigo de tomar as dores de Jó muito cedo na narrativa.

Acredito que a mensagem deste livro nos ensina, sobretudo, a ler os poderosos atos divinos com os olhos que ele mesmo nos concede em sua palavra. No caso do livro de Jó, a perspectiva definida no prólogo são os “olhos” oferecidos pelo próprio Deus e por isso, mesmo quando colidindo com o interesse do leitor, ela deve guiar a direção de nossas conclusões. A minha proposta é que estejamos atentos para os *níveis conclusivos* da narrativa. Ou seja, o leitor precisa ser capaz de identificar os pontos cruciais da narrativa em que conclusões e opiniões *fnais* estão sendo reveladas, ao invés de deter-se em aspectos isolados ou opiniões que serão posteriormente contestadas pelo próprio narrador. Neste sentido, sugiro que olhemos para as verdades do texto de acordo com os *níveis conclusivos* em que elas se encontram.

Nível 3:	narrador
Nível 2:	narrativa
Nível 1:	personagem

Seguindo este paradigma, podemos afirmar, por exemplo, que o nível de conhecimento manifestado pelo personagem, aquilo que ele fala ou conclui, não pode jamais ser colocado acima daquilo que foi afirmado no nível 3, quando

¹⁹ Ibid.

o narrador finaliza a sua conclusão sobre o tema abordado. Seria estritamente falacioso tirar conclusões que considerem apenas os níveis 1 e 2, ainda que o nível 3 se restrinja a um verso dentro de todo o livro. Se naquele único verso a opinião do narrador foi manifestada, ela tem preferência sobre os outros níveis de conhecimento, especialmente se esta única manifestação estabelece um rumo diferente para a interpretação.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to read the book of Job in such a way that both its prologue and epilogue are honestly taken into account. According to the author, the contribution of Job to theology and praxis is often in conflict with the original intention of the book. Following Vanhoozer's distinction between *thin* and *thick* descriptions, the author calls into question selective or arbitrary types of reading that are unable to synchronize the content of the book with its introduction and conclusion. The proposed solution is a type of reading that is both sensitive and mindful of levels of conclusiveness of the narrative. The challenge created by such uncomfortable solution is to concentrate only on those questions that were originally meant to be responded, which means that we, the readers, are not entitled to all the answers all the time.

KEYWORDS

Interpretation; Job's suffering; Thick and thin descriptions.